

Porta-voz da agência da ONU enfatiza que vacinas salvam vidas e descarta a associação dos imunizantes com autismo. Tarik Jasarevic frisa que não há evidências que vinculem o uso do paracetamol na gravidez a transtornos do neurodesenvolvimento

» ISABELLA ALMEIDA

A polêmica sobre vacinas e uso de paracetamol durante a gravidez ganhou força após declarações do presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, que afirmou que o medicamento estaria relacionado a um aumento significativo do risco de autismo. A Organização Mundial da Saúde (OMS) se posicionou contra as afirmações de Trump. Em uma coletiva realizada, ontem, em Genebra, o porta-voz da agência das Nações Unidas, Tarik Jasarevic, destacou que “vacinas salvam vidas” e que “não existe um vínculo comprovado entre o paracetamol e o autismo”.

Além de associar ao analgésico ao transtorno de espectro autista (TEA), Trump solicitou mudanças no calendário de vacinação infantil e afirmou que pessoas que não se imunizaram ou não tomaram remédios não tinham autismo. A declaração do presidente repercutiu, especialmente, porque o secretário de Saúde dos Estados Unidos, Robert Kennedy Jr., defende uma investigação mais aprofundada sobre as causas de uma “epidemia” de autismo no país.

Kennedy, que tem um histórico de posturas céticas sobre vacinas, promete que o governo irá agir para esclarecer as razões do aumento de diagnósticos de TEA. Jasarevic também refutou as alegações sobre a imunização, reafirmando que “vacinas não causam autismo”, e lembrando que alterações no calendário de vacinação podem resultar em um aumento significativo do risco de infecções, tanto para as crianças quanto para a comunidade em geral.

Evidências

Embora a OMS reconheça que alguns estudos observacionais sugeriram uma possível associação estatística entre uso do paracetamol na gestação e risco aumentado de TEA, a organização enfatizou que as evidências não são consistentes para estabelecer uma relação causal. A comunidade científica também se manifestou ontem. Conforme divulgado pela agência France Presse (AFP), pesquisadores replicaram a alegação de Trump, apontando que as informações disponíveis não confirmam nenhum vínculo entre o uso do remédio e o desenvolvimento de transtornos.

O uso de paracetamol durante a gestação, quando realizado nas doses recomendadas, é considerado seguro por grande parte da comunidade médica. Um estudo publicado na revista *Jama*, em 2024, com a colaboração de pesquisadores suecos, concluiu que não há nenhuma associação entre o medicamento na gravidez e o aumento do risco de autismo, transtorno de déficit de atenção ou deficiência intelectual.

Origem

A discussão sobre os efeitos colaterais do paracetamol na gestação não é recente. Em 2021, um grupo de 100 médicos e pesquisadores publicou um manifesto na revista *Nature Reviews Endocrinology*, alertando sobre danos do medicamento para o desenvolvimento fetal. O texto sugeria que as grávidas evitassem o remédio, exceto quando indicado por um médico, devido à existência de dados “experimentais e epidemiológicos” que sugeriam a possibilidade de alteração no crescimento intrauterino.

DEMÊNCIA

Qualquer dose de álcool é prejudicial

A comunidade científica há muito discute a existência de uma dose segura de ingestão de álcool. Agora, um estudo publicado na revista *BMJ Evidence Based Medicine*, desafia a ideia amplamente aceita de que o consumo moderado da substância pode ser saudável. A pesquisa, a maior do tipo até hoje, combinou análise observacional e genética e sugere que qualquer quantidade de bebida alcoólica pode aumentar o risco de desenvolvimento de demência.

Conforme o trabalho, liderado por Anya Topiwala, cientista da Universidade de Oxford, no Reino Unido, recentemente, estudos observacionais indicavam que o consumo moderado de álcool poderia ter um efeito protetor sobre a saúde cerebral, especialmente em idosos. No entanto, esses ensaios não diferenciavam os participantes da forma adequada.

Para contornar esses problemas, os pesquisadores usaram dados de duas grandes bases biológicas: o Programa Milhão de Veteranos dos Estados Unidos e o Biobanco do Reino Unido. A amostra da pesquisa incluiu quase 560 mil pessoas com idades entre 56 e 72 anos, acompanhados por quatro a 12 anos. Durante esse período, 14.540 participantes desenvolveram algum tipo de demência, e 48.034 morreram.

OMS desmente Trump



Paracetamol à venda em farmácia texana: revisão de mais de 40 pesquisas rebate declaração de presidente americano

Apenas um mito

Embora a relação entre vacinas e autismo tenha sido amplamente refutada pela comunidade científica, a teoria persiste, alimentando a hesitação de muitos pais em imunizar os filhos. Conforme uma revisão publicada na biblioteca do Instituto Nacional de Saúde dos Estados Unidos, em 2021, esse mito surgiu, em parte, porque o diagnóstico de autismo costuma acontecer durante a faixa etária em que as crianças estão sendo vacinadas, além da observação ocasional de regressões comportamentais que coincidem com essa fase. Segundo o trabalho, são fatores que contribuem para a perpetuação da ideia errada de que os imunizantes podem ser responsáveis pelo autismo, mesmo que o aumento nas taxas de diagnóstico seja, principalmente, atribuído à melhoria dos processos para identificar o transtorno.

A advertência ganhou destaque, mas também foi alvo de críticas. Muitos cientistas consideraram o alerta excessivamente alarmista, pois os estudos citados não apresentavam conclusões definitivas sobre o risco real do medicamento.

O trabalho que mais alimentou o debate sobre o paracetamol e o autismo foi publicado em 2015 na revista *Autism Research*. A

pesquisa, que analisou dados de saúde de crianças dinamarquesas, concluiu que o risco de autismo aumentava em até 50% entre as crianças cujas mães haviam consumido paracetamol durante a gravidez. Embora os resultados tenham gerado grande atenção, muitos especialistas apontam que a metodologia usada era limitada e que as evidências não eram suficientes.

Conforme o neurocirurgião Amauri Godinho Júnior, do Hospital Santa Lúcia, em Brasília, é complexo realizar estudos que investigam a possível relação entre o medicamento e o autismo. “A gente começa a se deparar com problemas éticos. Provavelmente você não se sentiria confortável sabendo que seu filho nasceu autista e você estava participando de um estudo de caso controle onde você foi escolhida para usar o paracetamol durante a gestação. Isso pode ter implicações éticas e jurídicas muito importantes. Então, você vê como é a dificuldade para você evoluir em um tipo de estudo desses.”

No entanto, Godinho frisa haver alternativas. “A partir de um estudo observacional, cria-se uma hipótese inicial, isso vai ser testado de várias formas, inclusive com modelos, e concomitante a isso, existe uma pesquisa molecular, bioquímica, que pode justificar aquele achado. O TEA contempla variações muito grandes de acometimento e essa amplitude parece crescer a cada dia.”

Duas perguntas para

VINIcius BARBOSA PSQUIATRA ESPECIALISTA EM TRANSTORNOS DO DESENVOLVIMENTO INFANTIL, COORDENADOR DO SUBNÚCLEO DE AUTISMO DO HOSPITAL SÍRIO-LIBANÊS

Como o senhor avalia as afirmações do presidente Donald Trump sobre vacinação, paracetamol e autismo?

A fala de Donald Trump relacionando paracetamol, vacinação e autismo não reflete o que a ciência hoje demonstra. Quando se fala em medicação associada, trata-se sempre de um possível aumento de risco, não de causalidade direta. Entre medicamentos associados ao risco aumentado de autismo, o exemplo clássico é o anticonvulsivo ácido valproico, cuja exposição gestacional é ligada a uma elevação significativa em três a seis vezes. Já no caso do paracetamol, não estamos nesse mesmo nível de compreensão científica. Há hipóteses em investigação e certa plausibilidade científica, mas as evidências atuais não permitem afirmar uma relação causal, embora o uso com cautela seja recomendável do ponto de vista da precaução. Em relação às vacinas, as melhores evidências científicas disponíveis mostram de forma consistente que não existe associação entre vacinação e aumento do risco de autismo.

Quais os fatores realmente ligados ao autismo?

O que sabemos com solidez é que o autismo tem forte relação com fatores genéticos, aos quais podem se somar fatores epigenéticos e ambientais, mas esses ainda precisam ser mais bem avaliados. Já foram sugeridos alguns fatores relacionados com o aumento do risco, como idade materna e paterna, obesidade e diabetes gestacional, deficiência de ácido fólico na gestação, parto prematuro, anoxia cerebral. (IA)

Embasamento

Em 2025, uma publicação revisando mais de 40 pesquisas publicadas sobre o tema, na *Environmental Health*, concluiu que ainda não há provas suficientes para afirmar que o paracetamol tenha qualquer relação com o autismo. Mesmo assim, a pesquisa foi citada por membros da administração Trump como justificativa para a fala do presidente.

Uma análise mais robusta publicada na *Jama*, também neste ano, incluindo fatores genéticos que podem influenciar o desenvolvimento de autismo, demonstrou que o uso de paracetamol não alterou o risco do transtorno quando comparado entre crianças da mesma família. “Alguns estudos observacionais sugeriram uma possível associação entre a exposição pré-natal ao paracetamol e o autismo, mas as evidências continuam sendo inconsistentes”, afirmou a Organização Mundial da Saúde, ontem.

Kayo Magalhães/CB/DA Press



Independentemente da quantidade, a bebida afeta o cérebro, diz pesquisa britânica

em áreas que se relacionam às funções da cognição, em especial à memória.”

Os autores do estudo divulgado ontem enfatizaram, ainda, que a redução do consumo de álcool pode ser uma estratégia importante para a prevenção da demência e destacam a necessidade de mais estudos sobre a relação entre a substância,

a saúde cerebral e o envelhecimento. “O padrão de redução do consumo de álcool antes do diagnóstico de demência observado em nosso estudo ressalta a complexidade de inferir causalidade a partir de dados observacionais, especialmente em populações em envelhecimento”, concluíram. (Isabella Almeida)